



Artigo
Article

**SER MULHER, SER NATUREZA: UMA LEITURA ECOFEMINISTA
DO FILME “ABENÇOA-ME ÚLTIMA, A CURANDEIRA” ...**

*BEING WOMAN, BEING NATURE: AN ECOFEMINIST READING OF THE FILM
“BLESS ME ÚLTIMA, THE HEALER”...*

Francesca Katiuscia de Albuquerque Vasconcelos¹
Maria Betânia Ribeiro Torres²

RESUMO: Trata-se de um ensaio em que se fará uma leitura (análise) do filme “Abençoa-me, Última: A Curandeira” sob uma perspectiva ecofeminista. Buscar-se-á entender as relações e interações entre esta mulher, Última, e a natureza, no que concerne: aos papéis desempenhados por ela como mulher, aos seus conhecimentos e sabedoria ancestrais, aos seus modos de trabalho e de se relacionar com os seres (humanos e não-humanos). Do encontro, e identificação, entre Antônio Marez e Última advirão nascimentos e mortes, sejam reais sejam simbólicos. Ser mulher implica ser natureza, ser o poder gerador, criador, curador de seres humanos e não-humanos. Não existe gênero, raça e sexualidade fixos, existem relações sociais e culturais. Há diversas formas de apreensão e transmissão de conhecimentos. A forma de inscrição destas memórias cognitivas, bem como sua transmissão, se dá de diversos modos, o escrito, o oral, o corporal, o gestual, entre outros. **Palavras-chave:** Curandeira. Mulher. Natureza. Ancestral. Epistemologia. Decolonial.

¹ Bacharela em Direito. Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Especialista em Direito Processual Civil. Em Formação para a prática Psicanalítica. Membro Externo da Comissão de Heteroidentificação do IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Mestranda em Ciências Sociais e Humanas na UERN - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Pesquisadora nas áreas da Sociologia, Antropologia Social e Psicanálise. Servidora Pública Federal do Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região. E-mail: pesq.francescavasconcelos@gmail.com.

² Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais (Fafire/Recife/PE). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PRODEMA/UERN). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN) e do Departamento de Gestão Ambiental da UERN. E-mail: betaniatorres@uern.br.

ABSTRACT: This is an essay in which we will read (analyze) the film "Bless Me, Última: The Healer" from an ecofeminist perspective. We will try to understand the relations and interactions between this woman, Última, and nature, concerning: the roles she plays as a woman, her ancestral knowledge and wisdom, her ways of working and relating to beings (human and non-human). From the encounter, and identification, between Antônio Marez and Última will come births and deaths, whether real or symbolic. To be a woman implies being nature, being the generating, creating, and healing power of human and non-human beings. There is no fixed gender, race, and sexuality, there are social and cultural relations. There are diverse ways of apprehending and transmitting knowledge. The form of registration of these cognitive memories, as well as their transmission, occurs in several ways, the written, oral, corporal, and gestural, among others. Keywords: Healer. Woman. Nature. Ancestral. Epistemology. Decolonial.

Trata-se de um ensaio em que se fará uma leitura (análise) do filme "Abençoa-me, Última: A Curandeira"³ sob uma perspectiva ecofeminista. Embora o filme tenha como mote principal a história, conflitos, dúvidas e questionamentos de Antônio Marez (Luke Gonfalon) em relação às suas crenças religiosas, este ensaio irá dar protagonismo a Última (Miriam Colon), a anciã, a curandeira. Buscar-se-á entender as relações e interações entre esta mulher, Última, e a natureza, no que concerne: aos papéis desempenhados por ela como mulher, aos seus conhecimentos e sabedoria ancestrais, aos seus modos de trabalho e de se relacionar com os seres (humanos e não-humanos).

Para tanto, far-se-á uma interlocução com os seguintes teóricos: Maria Mies e Vandana Shiva com seu livro "Ecofeminismo", que trarão reflexões sobre feminismo e ecologia, e a subjugação da mulher e da natureza pelo patriarcado; Oyèrónké Oyěwùmí, com seu texto "Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas", que defende ser o gênero uma construção cultural; Silvia Federici com seu livro "Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva", que abordará a relação existente entre o capitalismo, patriarcado e colonialismo e a misoginia; Boaventura de Souza Santos com seus livros "O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul." e "Descolonizar: abrindo a história do presente." que aborda a questão do apagamento, da invisibilização e da supressão das epistemologias do Sul Global; Leonardo Boff com seu livro "As quatro ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral", com o entendimento *lato sensu* de natureza e ecologia; e Ailton Krenak com seu livro "Caminhos para a cultura do bem viver", que trará reflexões sobre natureza, capitalismo, exploração e apropriação.

Ao ato.

SOBRE O FILME...

O filme, Abençoa-me Última: A Curandeira, tem como narrativa principal a história de Antônio Marez (Luke Gonfalon), um menino com sete anos de idade, que vive juntamente com seu pai, mãe e duas irmãs, no Novo México. A história se passa no ano de 1944, final da II Guerra Mundial. O filme inicia com a chegada de Última (Miriam Colon), uma curandeira amiga da mãe de Antônio, que veio morar com a família Marez. Desde seu início, a narrativa retrata a afinidade entre o menino Antônio e a curandeira, Última. Quando Antônio não está em aula, ou em férias na casa de seu avô, fica ao lado de

³ Filme de 2013, baseado no romance de Rudolfo Anaya, e dirigido por Carl Franklin.

Última, acompanhando-a no recolhimento e seleção de ervas, em seus trabalhos de cura, passeando pelo campo, recebendo seus ensinamentos.

Neste período, um dos tios de Antonio adoece, vítima de uma feitiçaria. Última vai em seu auxílio, levando suas ervas, sabedoria e Antônio, para ajudar no ritual de cura de seu tio. O tio de Antônio se recupera, mas esta cura feita por Última desencadeia uma série de eventos que culmina com a morte de duas das filhas de Tenório, um homem com dinheiro e família de prestígio na região, às quais foram atribuídas à feitiçaria que acometeu o tio de Antônio.

Tenório, enlouquecido de dor, pelas perdas sofridas, vai em busca de Última, juntamente com um grupo de homens da região, para julgá-la como bruxa, sentenciá-la a morte e executar a pena. Uma série de incidentes ocorre em razão disto, levando à morte de Tenório e de Última.

É isto em brevíssima síntese.

SOBRE O INÍCIO: OS ENCONTROS...

Porque há maldade no mundo?

Deixe-me começar do início...

Quando eu era inocente sobre os caminhos de Deus e dos homens...

Foi no verão dos meus sete anos, quando Última veio até nós... (palavras narradas por Antônio Marez, já adulto, no início do filme).

Na chegada de Última a casa dos Marez, Antonio aproxima-se da anciã para dar às boas-vindas. Ela sorri e diz ao menino: *“Eu vim passar os meus últimos dias de vida aqui, Antonio...”*.

O primeiro encontro entre Última, uma mulher misteriosa, que traz os conhecimentos e sabedoria ancestrais, que irradia como um sol, que passa a serenidade de uma brisa, a fortaleza de uma montanha e que instala a mudança como uma tempestade, e Antônio Marez, seu futuro aprendiz e amigo.

A partir deste encontro se desenvolve toda a história do filme. Deste encontro, e identificação, entre Antônio Marez e Última advirão nascimentos e mortes, sejam reais sejam simbólicos.

SER NATUREZA: CONHECIMENTOS E SABEDORIAS ANCESTRAIS...

Última era uma curandeira, conhecia profundamente as ervas, suas propriedades medicinais, sabia como aplicá-las em cada caso. Era parteira, ajudava muitas mulheres em seus partos, ajudava-as a trazerem suas crianças a este mundo. Ela também fazia rituais para cura da “alma”, utilizando suas ervas, bonecas de argila, agulhas, e outros acessórios.

Antônio era convidado por ela a acompanhá-la, para ajudá-la na escolha e colheita das ervas, nas curas e na produção de suas medicações. Última o ensinava sobre as ervas, como colhê-las, suas propriedades, como utilizá-las, como preparar a medicação. Também o ensinava sobre a vida que há em todos os elementos da natureza, sobre parar para ouvir o que estes elementos estão a nos dizer.

Ao final dos trabalhos, ambos sentavam-se na colina, e ficavam a ver e a ouvir o vento e o riacho.

Esta conexão profunda com a natureza, essa não-separatividade entre os seres humanos entre si, e com seu entorno, com os não humanos. Esse processo de cuidar um do outro, individual e coletivamente, e cuidar de todos os seres (humanos e não-humanos). A integração do corpo humano à natureza. A compreensão de existir vida em tudo, inclusive naquelas que nem sequer compreendemos sua natureza. Última tão bem demonstra, tudo isto, com seu viver, seu modo de trabalhar e de se relacionar com todos.

Vandana Shiva (2021) aponta que somos parte da natureza e não seus mestres ou seus donos, ela diz que:

A mudança ecológica envolve não ver a nós mesmos como elementos externos à teia ecológica da vida, como mestres, conquistadores e donos dos recursos da Terra. Significa ver a nós mesmos como membros da família da Terra em toda a sua diversidade, do mais ínfimo micróbio ao maior mamífero. Isso cria o imperativo de viver, produzir e consumir dentro dos limites ecológicos e dentro de nossa parcela de espaço ecológico, sem invadir os direitos de outras espécies e outras pessoas. (Shiva, 2021, p. 33).

Este modo de ver e ser no mundo é uma lógica do ser e sentir, que muitos dos povos originários e ancestrais tinham como base filosófica, social e política. No entanto, o invasor, o Norte Global (Santos, 2019), como um dos métodos de dominação (colonialismo, patriarcado e capitalismo), tentou extirpar completamente estes modos de vida e de conhecimentos, uma vez que não atendiam aos interesses, sobretudo econômicos, mas também, políticos, sociais e ideológicos dos colonizadores.

Para Leonardo Boff (2012) uma sociedade somente é sustentável quando consegue garantir a vida aos seus cidadãos e aos ecossistemas nos quais está inserido.

Ailton Krenak (2020) aponta a diferença de perspectiva entre o Bem Viver, que é uma lógica ecológica e holística, e o bem-estar, que é uma lógica eurocêntrica:

O bem-estar está apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos. Mesmo que a gente faça de maneira consciente e cuidadosa, mas tem um fundamento, uma ontologia, que sugere que nós humanos somos separados dessa entidade, que é a natureza, e que a gente pode incidir sobre ela e tirar pedaços dela. (Krenak, 2020, p. 13).

Nesta lógica do colonizador, a natureza, tanto quanto o sujeito racializado e o sexualizado, são objetos de exploração, apropriação e consumo. Sua natureza é a de servir ao homem branco europeu, e, para esta finalidade, construiu-se, com amparo da ciência e religião (Cristianismo), estereótipos para estes sujeitos, como sendo inferiores, exóticos, selvagens, entre outros.

Assim, a mulher e a natureza foram estereotipadas como sendo inferiores, uma vez que, contrariando a premissa patriarcal de superioridade do homem branco europeu, eram detentoras do poder de gerar e de curar. A integração com a natureza não servia à lógica de exploração, extrativista e de acumulação capitalista. E ainda, a ideia de igualdade dos humanos entre si, e com seu entorno, o respeito e os cuidados entre humanos e não-humanos, contrariavam a lógica de subjugação e de escravização colonial.

Boaventura de Sousa Santos menciona que:

Tanto as mulheres quanto às "raças inferiores" eram consideradas inferiores por sua maior proximidade com a natureza. [...] Nesse sentido, a história das emergências não faz senão demonstrar que o binarismo cartesiano eurocêntrico humanidade/natureza foi bastante excepcional, exótico e destrutivo. A ideia de que a natureza nos pertence era totalmente incompreensível para o mundo não europeu. Nesse mundo, ao contrário, prevalecia a concepção segundo a qual pertencemos à natureza. (Santos, 2022, p. 95).

O final do verão era a época da colheita, a família de minha mãe sempre foi de agricultores que tiravam sua única verdade da terra. As pimentas, milho e frutas, que nos alimentariam no inverno, eram considerados como dádivas sagradas da terra sob os nossos pés. A colheita de meu avô era minha época do ano favorita. Os meus tios demonstraram cuidado e respeito pela terra, pelas plantas, como apenas vi Última demonstrar. (Narração de Antônio no filme, quando adulto).

Vandana Shiva (2021) diz que para os povos que tiram seu sustento do solo, este (solo, terra) tem um significado maior que o de uma propriedade física, situada em um espaço cartesiano. Ela acrescenta que "O solo incorpora o lar ecológico e espiritual para a maioria das culturas. É o útero não só para a reprodução da vida biológica, mas também da vida cultural e espiritual; ele resume todas as fontes de sustento e é a "casa" no sentido mais profundo." (Shiva, 2021, p. 191).

Em uma das cenas do filme, ambos, Última e Antônio, estavam caminhando nas campinas, quando ela se depara com uma erva rara. Eles se aproximam da pequena planta, e ela passa a lhe dizer seu nome (da planta), suas propriedades, que tipos de remédios e para quais doenças aquela erva era apropriada para o tratamento. Logo passa a ensinar a Antônio como se deve recolher a pequena plantinha. Ela diz a ele que não se deve retirar a erva, sem antes, conversar com ela, explicar a ela qual será o seu destino e sua aplicabilidade. E menciona que isto é necessário porque há vida em tudo o que existe: nas árvores, nas pedras, no rio. Ela se abaixa em direção a planta, demonstrando seu respeito e veneração ante a vida. Antonio fica a observar, ela o convida a repetir algumas palavras para as plantas que estão sendo colhidas.

Boaventura de Sousa Santos (2019) diz que a oratura é uma das epistemologias de povos e culturas que não têm a escrita como base. Ele nomeia estas epistemologias dos países e povos subalternizados como epistemologias do sul (ES), e aponta que a oratura por atravessar as várias temporalidades (presente, passado e futuro), sendo uma arte narrativa, permite uma reflexão sobre as memórias.

Sabemos que houve uma tentativa sistemática de desconstituição, invisibilização e apagamento dos conhecimentos e sabedoria ancestrais, e isso se deu como uma estratégia de dominação, de apagamento do ser e de suas memórias. Em nome de uma superioridade do "conhecimento europeu", que, quando não desconstituída o saber do outro, impunha a necessidade de uma confirmação de validade a estes saberes pelos saberes eurocêntricos.

Santos (2022) aponta que o "saber europeu" é um conhecimento monocultural e de rigor, uma vez que é escrito. Ele aponta que os conhecimentos escritos têm as características de rigor e monumentalidade, ou seja, rigoroso porque oferece uma versão unívoca, e monumental porque é perdurável. O "saber europeu" é o racional. Ele menciona que "Essa ideologia legitimou um epistemicídio incomensurável: a destruição sistemática das cosmovisões, das filosofias e dos conhecimentos não ocidentais valorizados pelas populações colonizadas." (Santos, 2022, p. 83).

Há uma beleza nas horas do dia e nas horas da noite, e há paz no rio e nas colinas...

Última me ensinou a ouvir os mistérios da Terra Viva e a me sentir completo no cumprimento dessas horas...

Eu aprendi com Última que os caminhos da cura iam além do nosso corpo, nenhuma estrada era longa demais para que ela suavizasse a dor de alguém, uma maldição ou reduzir uma febre. Mas assim que a dor passava, eles a evitavam da mesma forma. (Narração de Antônio, quando adulto).

Sermos e nos sentirmos parte da natureza, agindo e atuando em respeito a tudo e todos, humanos e não-humanos, assim Shiva diz:

Uma perspectiva ecofeminista propõe a necessidade de uma nova cosmologia e uma nova antropologia que reconheça que a vida na natureza (que inclui os seres humanos) é mantida por meio de cooperação, do cuidado mútuo e do amor. Só assim seremos capazes de respeitar e preservar a diversidade de todas as formas de vida, incluindo suas expressões culturais, como verdadeiras fontes de nosso bem-estar e nossa felicidade. (Shiva, 2021, p. 55-56).

SER MULHER: PAPÉIS DEFINIDOS E VIOLÊNCIAS IMPETRADAS...

Última não tinha marido, filhos, nem família. Financeiramente se mantinha com o que recebia pelo seu trabalho de cura e de parteira, e com a venda de seus remédios. Vestia-se de forma simples e sem vaidade. Ela era uma mulher corajosa, interdependente. Enfrentava de forma destemida o preconceito da comunidade, o patriarcado e a igreja.

Desta maneira, Última não correspondia ao imaginário social do que era ser uma mulher, e dos papéis que deveria desempenhar por ser mulher e para ser reconhecida socialmente como mulher.

Oyèrónké Oyèwúmí aponta que:

[...] a família iorubá tradicional. Ela pode ser descrita como uma família não generificada porque seus papéis de parentesco e suas categorias não são diferenciados por gênero. Os centros de poder dentro da família são difusos e não especificados pelo gênero. O princípio organizador fundamental no seio dessa família é a ancianidade baseada na idade relativa, e não no gênero. Consequentemente, as categorias de parentesco codificam ancianidade, não gênero. A ancianidade classifica socialmente as pessoas com base em suas idades cronológicas. Por exemplo, egbon se refere ao irmão mais velho, e aburo, ao irmão mais novo de quem fala, independentemente do gênero desses irmãos. Diferente do gênero, que é rígido ou estático, o princípio da ancianidade é dinâmico e fluido. (Oyèwúmí, 2020, p. 90).

Embora estejamos de acordo com Oyèrónké Oyèwúmí (2020, p. 86) que “O gênero é socialmente construído, a categoria social “mulher” não é universal”, a sociedade que Última estava inserida, que é similar a nossa, ser mulher e os papéis a desempenhar, por e para ser mulher, são bem definidos e limitados.

Silvia Federici (2017) aponta que uma das funções da mulher era produzir filhos e filhas para o Estado, quando ela trata da transição do feudalismo para o capitalismo. E

que o casamento era visto como uma real carreira feminina, uma vez que a mulher era incapaz de sobreviver sem um marido, pai ou algum homem da família que a “protejesse”. Ela ainda aponta que após a caça às bruxas a imagem de ser uma mulher mudou:

A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Esta mudança começou no final do século xvii, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. Uma vez que foram derrotadas, a imagem da feminilidade construída na “transição” foi descartada como uma ferramenta desnecessária, e uma nova, domesticada, ocupou seu lugar. Embora na época da caça às bruxas as mulheres tenham sido retratadas como seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas, incapazes de autocontrole, no século xviii o cânone foi revertido. Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles. (Federici, 2017, p. 200).

Em uma cena do filme, um grupo de homens se reúne para aprisionar Última, liderados por Tenório, um homem com influência sobre a comunidade, e apoiados pelo padre. Eles vieram para julgá-la como bruxa, estabelecer a pena, e executá-la.

Última, por ser mulher, ser anciã, e ter desenvolvido conhecimentos sobre ervas, remédios, curas e partos - frise-se: conhecimentos perseguidos, invisibilizados e desconstituídos pelo colonialismo, sobre cujo porquê já anteriormente falamos - atraiu para si preconceitos, desprezo e violências oriundos da dominação patriarcal.

Federici (2017, p. 200) diz que “[...] a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista, assim como a condição necessária para sua resistência na luta contra o feudalismo”.

Pois bem, o silenciamento, invisibilização, demonização, desconstituição, apagamento de saberes e sabedoria ancestral, base e fonte de poder feminino, foram envidados como tentativa de dominação, subjugação, exploração e extrativização das mulheres e da natureza, uma vez que subvertem a “ordem”, e os interesses, do colonizador, do patriarcado e do capitalismo. E isto se deu, e se dá ainda hoje, às custas de “muito sangue, suor e lágrimas” de Última, de todas as Últimas...

SOBRE O FIM...

Não, eu não chorei, a voz dela está em toda parte. (Narração de Antonio, adulto, após a morte de Última).

Ailton Krenak (2020), intelectual indígena, diz que o seu povo compreende que na morte o ser não desaparece, não se acaba, que este ser retorna para o rio, para a floresta, para a terra. Que a vida permeia tudo, liga tudo a todos. Ele menciona que “É por isso que quando você abraça uma árvore, você pode estar abraçando um irmão.” (Krenak, 2020, p. 30).

Assim, a epistemologia do Sul Global, termo cunhado por Boaventura de Souza Santos, tem na ancestralidade, naqueles que já estiveram aqui, naqueles que estão aqui, e naqueles que virão, a sua base e fonte criadora. Krenak diz:

A gente tem em comum uma experiência de ter um vínculo com os nossos ancestrais. Os nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui, que, no caso da nossa cultura, foram os continuadores de ritos, de práticas, da nossa tradição. (Krenak, 2020, p. 28).

A conclusão parcial deste trabalho é no sentido de que ser mulher implica ser natureza, ser o poder gerador, criador, curador de seres humanos, mas não necessariamente ou somente humanos, e sim de todos seres humanos e não-humanos. Implica não somente respeitar a diversidade, e, sim, compreender que se é a diversidade, que somos diversos tanto intra como extra corpórea. Que não existe fixidez em nada no universo, que somos mutáveis, tanto os seres humanos como os não humanos. Que o ontem, o hoje e o amanhã estão acontecendo agora, através de nossas memórias, talvez não somente.

Não existe gênero, raça e sexualidade fixos, existem relações sociais e culturais. O que é e para que “serve” cada conceito deste, vai depender de quem está ditando as regras.

E ainda, há diversas formas de apreensão e transmissão de conhecimentos. As formas de apreensão de conhecimento se dão, inicialmente, por um ou mais dos cinco sentidos corporais, pelo e através do corpo. A forma de inscrição destas memórias cognitivas, bem como sua transmissão, se dá de diversos modos, o escrito, o oral, o corporal, o gestual, entre outros. Nesta toada, conforme acentua Boaventura de Sousa Santos: “[...] não pode haver justiça social global sem justiça cognitiva global” (Santos, 2022, p. 52).

- *Pai, porque existe tanta maldade no mundo?*
- *Acho que a maioria das coisas que chamamos de mal, não tem nada de mal nelas. Apenas não entendemos o que elas são, e chamamos de más...*
- *O conhecimento vem com a vida. Às vezes é preciso uma vida inteira para adquirir conhecimento.* (conversa entre Antônio Marez e seu pai).

REFERÊNCIAS

Boff, L. (2012). *As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Mar de ideias: Animus Anima.

Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.

Krenak, A. (2020). *Caminhos para a cultura do Bem viver*. Organizado por Bruno Maia, 2020. Disponível em: www.culturadobemviver.org.

Oyěwùmí, O. (2020). Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: Holanda, Heloisa Buarque de (Org). *Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Santos, B. de S. (2022). *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Traduzido por Luis Reyes Gil. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora; São Paulo, SP: Boitempo.

Shiva, V.; Mies, M. (2021). *Ecofeminismo*. Traduzido por Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 19/07/2023

Aprovado em: 05/08/2023

Received in: July 19, 2023

Approved in: August 05, 2023